

# gfm·grafema<sup>©</sup>

ESTUDOS DO LIVRO, IMPRENSA  
E DESIGN DE COMUNICAÇÃO

GFM . n.º 1 . 2009  
DEP. LEGAL 284269 / 08  
ISBN 978-989-95997-0-3  
ISSN 1647-1024

# gfm·grafema<sup>®</sup>

ESTUDOS DO LIVRO, IMPRENSA  
E DESIGN DE COMUNICAÇÃO

GFM . n.º 1 . 2009  
ISSN 1647-1024  
ISBN 978-989-95997-0-3  
DEP. LEGAL 284269 / 08

## Propriedade, Edição e Redacção

Centro de Estudos Albicastrenses Aplicados ao Design

Avenida da Carapalha, n.º 21, 3.º esq.  
PT – 6000-320 Castelo Branco, Portugal

T +351 272 337 350  
E [gfm.grafema@gmail.com](mailto:gfm.grafema@gmail.com)  
W <http://www.gfm-grafema.com>

## Director

Tiago Filipe Navarro Frutuoso dos Santos Marques, IPCB-ESART

## Subdirector

Rui Tomás Monteiro, IPCB

## Coordenação

Andreia Cristiana Antunes do Amaral

## Direcção Científica

iiD, Instituto Ibérico de Design

## Comissão Científica

Prof. Doutor Eduardo Herrera Fernández, UPV-EHU  
Prof. Doutor Enric Tormo i Ballester, UB  
Prof. Doutor Joaquim Antero Magalhães Ferreira, UP  
Prof.ª Doutora Leire Fernández Iñurritegui, UPV-EHU  
Prof. Doutor Manuel Cadafaz de Matos Marques Baptista, CEHLE

## Design Gráfico

Tiago Filipe Navarro Frutuoso dos Santos Marques, IPCB-ESART

## Colaboradores Institucionais

AdC, Alquimia da Cor  
AND, Associação Nacional de Designers  
CMCB, Câmara Municipal de Castelo Branco  
ESART, Escola Superior de Artes Aplicadas  
iiD, Instituto Ibérico de Design  
IPCB, Instituto Politécnico de Castelo Branco  
JFCB, Junta de Freguesia de Castelo Branco  
MAD, Miguel Ângelo Design & Publicidade  
UB, Universitat de Barcelona  
UPV-EHU, Universidad del País Vasco

## Impressão e Acabamentos

Gráfica do Tortosendo

## Periodicidade

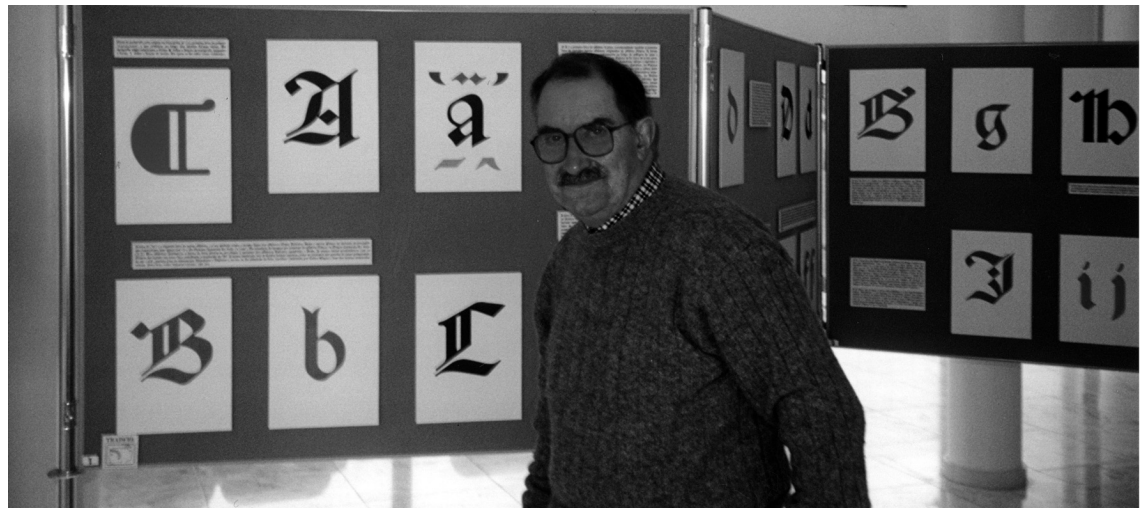
Anual

Tiragem: 200 exemplares

Prof. Doutor Joaquim Antero Magalhães Ferreira  
*Designer* de comunicação; Professor Auxiliar (com nomeação definitiva)  
do Departamento de Design da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto

## Manuel R. Pereira da Silva (Póvoa de Varzim, 1930–Lisboa, 2008): o tipógrafo português completo.

Conheci o Manel numa sexta-feira chuvosa (seria água benta?!), na Póvoa de Varzim, em finais de 1997, por ocasião da sua exposição de redesign digital de caracteres antigos<sup>[1]</sup>. Depois de ouvir atentamente as suas palavras vigorosas e genuínas, dirigi-me a ele e disse: *Acabou de me sair o Totoloto!* Na verdade, naquele momento tinha acabado de conhecer o português que mais me iria marcar no doutoramento que tinha iniciado na Universidade de Barcelona (em finais de 1995) sob a orientação do Professor Enric Tormo, um ‘guru’ da tipografia mundial<sup>[2]</sup>. Desde esse encontro até ao dia em que ‘partiu’, nunca mais deixámos de nos falar, ajudar, confidenciar, apoiar mutuamente, numa relação de mestre-discípulo e amizade profunda.



Manuel Silva junto aos painéis expositivos com os seus desenhos de caracteres, Póvoa de Varzim 1997.

Apesar do enorme respeito que tínhamos um pelo outro, eu sempre considerei, e considero, o Manel a pessoa que mais sabia sobre a arte e paixão que nos unia: a letra, a escrita, a caligrafia e a tipografia. Em Portugal, tudo o que aprendi de mais significativo nestas áreas foi por seu intermédio. Foram inúmeros os encontros (Lisboa, Porto, Póvoa de Varzim), os telefonemas (pela noite dentro ...), a correspondência trocada, os quais acabaram por me valer uma ‘segunda’ licenciatura — aquela que nunca tive, porque os meus professores, com o devido respeito, sabiam de tudo menos de tipografia como o Manel sabia. Isto não tem preço, nem propinas! Tratava-se de uma relação única, de dar e receber constante em que eu me aperceberia mais tarde, e como ele me alertava constante e paternalmente que teria de ‘pagar’ com uma exemplar tese de doutoramento; igualmente, sentia que o meu *eu* (nesta investigação) era uma espécie de prolongamento do seu pensamento e labor<sup>[3]</sup>. Graças ao persistente apoio e às rigorosas revisões ortotipográficas que penhoradamente recebi do Manel, em Junho de 2003, finalmente defendi publicamente a ‘nossa’ tese (*Antero/Tormo/Manel*), contando, mais uma vez, com a sua presença, assim como com a da sua maravilhosa esposa, Manela.

Nesse dia pude respirar de alívio, pois senti, finalmente, que tinha retribuído todo o apoio que tinha tido do Manel, do Tormo, da minha família e de todos quanto me tinham ajudado a ‘lacrar’ conhecimentos nesta área tão nobre e marcante da nossa história (os estudos sobre tipografia e tipógrafos).



Da esquerda para a direita: Manuel Silva, Antero Ferreira e o sociólogo e amigo António Melo, na exposição ‘Oficina Álvares Ribeiro’ no Museu da FBAUP após a defesa pública da tese de doutoramento de Antero Ferreira, Porto 2003.

Manuel Rodrigues Pereira da Silva, filho do mestre tipógrafo Joaquim Pereira da Silva, nasceu a 5 de Junho de 1930, na actual cidade da Póvoa de Varzim, na época uma vila de pescadores e ‘praia de banhos’. Dizem que ‘aos cinco anos de idade, já sentia perpassar por si o primeiro espanto do contacto de criança com a *Arte da Imprimissão*, com as letras de chumbo, com a leitura, com o jornal’<sup>[4]</sup>. Após ter estudado comércio e trabalhado como compositor-tipógrafo e paginador de jornais locais, foi, em 1955, para Lisboa. Em 1956, frequentou um curso de história e desenho de letra, dirigido pelo calígrafo Alberto Cardoso e supervisionado por Eduardo Calvet de Magalhães. Alguns anos depois, em 1963, trabalhou em diversas tipografias lisboetas, colaborando como animador no Cineclube Imagem. No ano seguinte, ingressou na agência de publicidade Êxito, dirigida por Alberto Ferreira e Alves Redol. Em 1965, fundou a Prograf, oficina pioneira na produção de provas de tipos e títulos fotocompostos como actividade independente. Na mesma altura, foi co-fundador da Prografe e da Fototexto, fornecedoras especializadas de fotocomposição para o mercado gráfico, publicitário e editorial português,

Manuel Silva com estudantes da Licenciatura em Design de Comunicação da FBAUP (projecto de tipografia) a convite de Antero Ferreira, Porto 1999.



que introduziram no país, respectivamente, as primeiras unidades da fotocompositora alemã *Diatronic* e os primeiros exemplares do conjunto de tratamento de texto anglo-americano *VIP* com fita perfurada, da Linotype. Em 1977, passou a dirigir as secções de texto das empresas Trama e Expressão. Após 1988, dedicou-se a exposições individuais (Açores, Lisboa, Porto ...), à colaboração em conferências e em cursos de formação profissional em artes gráficas (Alquimia da Cor, no Porto)<sup>[5]</sup> e a edições de autor sobre a história da letra e da tipografia, ao *design* gráfico para clientes particulares e institucionais (entre os quais, Richard C. Ramer, Teixeira da Mota, Associação Portuguesa de Livreiros-Alfarrabistas, Jardim Infantil Pestalozzi e Fundação Calouste Gulbenkian, da qual foi bolsheiro, em 1994). Durante este período, também criou diversas famílias de fontes digitais: em 1997, duas fontes *Rotunda*; em 1999, oito fontes *Andrade*; em 2001–2, seis fontes *JVentura*; em 2003, a fonte *Fontanela* e três fontes *Tialira*; em 2004, seis fontes *MBarata/Barata* e oito fontes *JVilleneuve*; em 2005, quatro fontes *Elzevir*; e, em 2006, quatro fontes *Lusiadas*<sup>[6]</sup>. Destacaria ainda os artigos na imprensa que o tiveram como protagonista, nomeadamente no *Diário Insular*, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, no diário *União* e na revista *Page*, e o apoio e as consultas técnico-científicas que sabiamente prestou a formandos e investigadores (mestrandos e doutorandos) que o procuraram assim como à sua biblioteca especializada.

Na última obra que nos deixou, *A memória & o carácter — 500 anos de Tipografia e Caligrafia* (edição de autor, Lisboa, 2008)<sup>[7]</sup>, o Manel ‘despedia-se’, realizado, com estas palavras:

*(...) as andanças e desandanças de um tipógrafo que, de cerca de 1935 até estes anos de 2008 — 73 anos! —, não deixou de se debruçar sobre a letra, fosse ela manuscrita, de liga metálica, de madeira ou digital, parece-nos, por si só, um elemento a destacar no panorama da tipografia portuguesa. Que isso respeite ao próprio ou a outrem, é irrelevante, segundo a opinião do escriba; os presumíveis leitores (cândidos ou talvez não...), com a sua própria óptica, terão a última palavra sobre o assunto, o qual, no caso do MS, aqui e agora acaba.*



Antero Ferreira a jantar em casa da Manuela e do Manuel, Lisboa 2006.

O Manel partiu (16 de Maio de 2008), mas a sua presença mantém-se viva na minha memória. ‘Falo’ com ele quando penso, comunico, trabalho, investigo; continuo a sentir a sua herança, presença e sábias opiniões. As letras que recriou e desenhou, os escritos, os livros que produziu (edição de autor) e colecionou são um legado único para a história da tipografia portuguesa; os livros ímpares que criteriosamente juntou ao longo da sua vida representam um valor incalculável, no sentido em que foram apadrinhados estrategicamente com um único objectivo indivisível e humanista: servi-lo a ele e a quem os procurar<sup>[8]</sup>! Por outro lado, a sua biblioteca inclui não só os maiores paradigmas da tipografia nacional e mundial, como servirá de exemplo a todos os bibliófilos, pois todos os livros estão irrepreensivelmente cuidados, restaurados e conservados, muitos deles pelas suas próprias mãos.

Termino com uma das opiniões (minha interpretação) mais lapidares do Manel e que retrata a sua personalidade convicta e inamovível:

*Num texto, um único erro ortográfico é uma vergonha, é inaceitável — torna o texto, o livro e o trabalho do tipógrafo e do designer em absolutamente nada!*

Ao Manel, que foi modesto, autodidacta, amigo e personificou o tipógrafo que Camões gostaria de ter conhecido, deixo a minha mais profunda homenagem e estima.

Descansa em paz, merecida ... nós cuidaremos das letras e dos livros que nos deixaste.

*Obrigado, Manel!*

Porto, Março de 2009

[1] A exposição intitulava-se ‘A memória e o carácter. I — Rotunda, um semigótico redondo (alfabetos, livros e folhetos)’ e incluiu quatro conferências, proferidas pelo Manel, por Artur Anselmo, por Manuel Cadafaz de Matos e por Manuel Lopes, na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim (17 de Outubro a 31 de Dezembro de 1997). Na mesma ocasião, o Manel publicou (edição de autor, em co-autoria com a Câmara Municipal da Póvoa de Varzim) o folheto-espécime evocativo do seu trabalho *Rotunda — um semigótico redondo. Recriação de um antigo estilo de letras, feitas por Manuel R. Pereira da Silva, na cidade de Lisboa, entre os anos de 1994 e 1995*, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 1997 (Depósito legal n.º 114808/97; ISBN 972-9146-23-3).

[2] A tese intitulava-se *Oficina Alvares Ribeiro — uma família de impressores, editores, livreiros e papeiros, do Porto e de Vizela (Portugal), do século XVIII ao XX*. A investigação decorreu entre 1995 e 2003, e foi dirigida pelo Professor Doutor Enric Tormo i Ballester, catedrático em Tecnologia do *Design*, da Universitat de Barcelona. A defesa pública teve lugar na Aula Magna da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (30 de Junho de 2003), tendo sido membros do júri Maria Begoña Simón i Ortoll (Universidade de Barcelona), Maria José Azevedo Santos (Universidade de Coimbra), José Amadeu Coelho Dias (Universidade do Porto) e Manuel Cadafaz de Matos Marques Baptista (Universidade de Lisboa), presididos por Manuel María Laguillo Menéndez (Universidade de Barcelona).

[3] Coloco a questão desta forma, pois julgo que o Manel via a tese como a investigação que ele supostamente gostaria de ter feito; quiçá, terá sido a fonte de inspiração e motivação para escrever a sua última obra (ver nota 7).

[4] In folheto de boas-festas de Manuel Silva e família, Lisboa, Dezembro de 2006.

[5] A referida disciplina (teórico-prática) foi História da Tipografia, leccionada durante o ano de 1999.

[6] Texto retirado da tese de doutoramento *Oficina Alvares Ribeiro* (ver nota 2), adaptado e actualizado.

[7] Obra não publicada, em fase de revisão final, com possível edição durante 2009.

[8] O Manel e a Manela costumavam dizer que os livros iam sempre parar às mãos certas, às mãos das pessoas que os procuravam. A biblioteca continua na casa do Manel, em Lisboa, agora à guarda fiel da sua esposa, Maria Manuela Cruz Silva, esperando um local digno que permita a sua conservação e o acesso adequado a estudantes, investigadores e público em geral.